**UTILIZAÇÃO ETNOFARMACOLÓGICA DO ALECRIM (*Rosmarinus officinalis* L.)**

**POR MULHERES DO MUNICÍPIO DE CAPITÃO LEÔNIDAS MARQUES-PR**

Camila de Amaral[[1]](#footnote-1)

Carla Munique Aparecida Garda[[2]](#footnote-2)

Jaqueline Beatris Zanella[[3]](#footnote-3)

Karina Baldo[[4]](#footnote-4)

Fernanda Oliveira Lima[[5]](#footnote-5)

Dalila Moter Benvegnú[[6]](#footnote-6)

**Resumo:**

O *Rosmarinus officinalis* L., planta, conhecida popularmente como alecrim, é amplamente cultivada em quintais e pode também ser utilizada com finalidades medicinais. Assim, o objetivo do presente estudo foi investigar o conhecimento e uso etnofarmacológico do alecrim. Para tal, foram realizadas entrevistas com mulheres de 40 ou mais anos de idade, moradoras do município de Capitão Leônidas Marques, Paraná - Brasil. O instrumento empregado na pesquisa foi um questionário semiestruturado, contendo 12 perguntas abordando os conhecimentos populares sobre o alecrim, bem como a parte da planta utilizada e forma de preparo, além da finalidade terapêutica. As entrevistas foram realizadas de maneira aleatória, contemplando seis bairros do referido município, incluindo 15 mulheres em cada um deles, totalizando 90 participantes. Os resultados demonstraram que a maioria das entrevistadas utilizam o alecrim e possuem conhecimentos acerca do mesmo adquiridos e conservados há gerações. A parte da planta mais utilizada foi a folha e a infusão foi a forma de preparo predominante. As indicações terapêuticas mais citadas foram calmante, anti-hipertensivo, analgésico, digestivo e antigripal. Assim, este estudo possibilitou conhecer a respeito dos saberes, bem como do uso etnofarmacológico do alecrim, onde, observou-se que apesar da maior parte das finalidades terapêuticas citadas possuir respaldo científico, algumas ainda não foram comprovadas cientificamente. Deste modo, investigações etnofarmacológicas acerca da utilização da planta *Rosmarinus officinalis* L. são importantes, a fim de possibilitar estudos focados em suas propriedades terapêuticas já estabelecidas ou então novas, bem como quanto a dose e uso correto, minimizando os riscos de possíveis intoxicações.

.

**Palavras-chave:**

Plantas medicinais. Fitoterápicos. Chá. Farmacodinâmica.

**ETHNOPHARMACOLOGICAL USE OF ROSEMARY (*Rosmarinus officinalis* L.) BY**

**WOMEN FROM THE MUNICIPALITY OF CAPITÃO LEÔNIDAS MARQUES-PR**

**Resume:**

*Rosmarinus officinalis* L., plant, popularly known as rosemary, is widely cultivated in backyards and can also be used for medicinal purposes. Therefore, the aim of this study was to investigate the knowledge and ethnopharmacological use of rosemary. In this sense, interviews were conducted with women aged 40 or more years old, living in the municipality of Capitão Leônidas Marques, Paraná - Brazil. The instrument used in the research was a semi-structured questionnaire, containing 12 questions around the popular knowledge about the rosemary, as well as the part of the plant used and the form of preparation, besides the therapeutic indication. The interviews were conducted randomly, contemplating six neighborhoods of the reported city, including 15 women in each one, totaling 90 participants. The results showed that the most used part of the plant was the leaf and the infusion was the predominant form of preparation. The most cited therapeutic indications were calming, antihypertensive, analgesic, digestive and anti-flu. Thus, this study got possible to know more about the ethnopharmacological use of rosemary and it was observed that although most of the therapeutic purposes cited have scientific support, some have not yet been scientifically proven. In this way, ethnopharmacological investigations about the use of the plant *Rosmarinus officinalis* L. are important, in order to enable studies focused on its therapeutic properties already established or else new, as well as its dose and correct use, minimizing the risks of possible intoxications.

**Keywords:**

Medicinal plants. Herbal. Tea. Pharmacodynamics.

**USO ETNOPHARMACOLÓGICO DEL ROMERO (*Rosmarinus officinalis* L.) POR MUJERES DE LA CIUDAD DEL CAPITÃO LEÔNIDAS MARQUES-PR**

**Resumen:**

*Rosmarinus officinalis* L., una planta conocida popularmente como romero, se cultiva ampliamente en los patios traseros y también se puede utilizar con fines medicinales. Así, el objetivo del presente estudio fue investigar el conocimiento y el uso etnofarmacológico del romero. Con este fin, fueron realizadas entrevistas con mujeres de 40 años o más, que viven en el municipio de Capitão Leônidas Marques, Paraná - Brasil. El instrumento utilizado en la investigación fue un cuestionario semiestructurado, que contenía 12 preguntas que abordaban el conocimiento popular sobre el romero, así como la parte de la planta utilizada y la forma de preparación, además del propósito terapéutico. Las entrevistas fueron realizadas al azar, cubriendo seis vecindarios de ese municipio, incluidas 15 mujeres en cada uno de ellos, con un total de 90 participantes. Los resultados mostraron que la mayoría de los entrevistados usan el romero y tienen conocimiento de que lo adquirieron y conservaron durante generaciones, la parte de la planta más utilizada fue la hoja y la infusión la forma predominante de preparación. Las indicaciones terapéuticas más citadas fueron calmantes, antihipertensivas, analgésicas, digestivas y gripales. Así, este estudio permitió conocer más em relación al uso etnofarmacológico del romero, donde se observó que si bien la mayoría de las finalidades terapéuticas citadas cuentan con sustento científico, algunas aún no han sido probadas científicamente. Por tanto, las investigaciones etnofarmacológicas sobre el uso de la planta *Rosmarinus officinalis* L. son importantes para posibilitar estudios centrados en sus propiedades terapéuticas ya establecidas o nuevas, así como en la dosis y uso correcto, minimizando los riesgos de posibles intoxicaciones.

**Palabras clave:** Plantas medicinales. Hierbas medicinales. Té. Farmacodinamia.

**Introdução**

A fitoterapia facilita a interação do homem com a natureza, sendo que através dela pode-se utilizar dos benefícios das plantas medicinais, para auxiliar no equilíbrio do organismo (FRANÇA et al., 2007). Alvim et al. (2006), afirmam que apesar de diversos estudos serem desenvolvidos sobre a utilização das plantas medicinais, a população continua fazendo uso delas de acordo com os conhecimentos culturais.

Desta maneira, a utilização das plantas medicinais tornou-se bastante difundida, em virtude de hábitos culturais, pela eficácia, qualidade e pelos riscos de toxicidade serem considerados menores que os apresentados pelos medicamentos sintéticos. Além disso, apresentam menor custo de obtenção, sendo uma alternativa para comunidades carentes. No entanto, o cultivo e seleção da planta exige um certo cuidado, para que essa mantenha suas propriedades e seja verdadeiramente a planta indicada (VEIGA JÚNIOR et al., 2005; ARNOUS et al., 2005).

A utilização das plantas medicinais constitui uma prática comum na medicina popular, repassada de geração para geração. Desse modo, trata-se de um recurso terapêutico utilizado na prevenção e promoção da saúde, sendo considerada uma terapia complementar ou alternativa (BALBINOT; VELASQUEZ; DÜSMAN, 2013; BADKE et al., 2019). A exemplo disto, está o Rosmarinus officinalis L., que é uma planta natural da Região Mediterrânea da Europa, mas também é amplamente utilizada no México, Guatemala e outros países americanos. Ela é considerada um arbusto, cujas flores podem ser azuis ou brancas e cujo porte pode atingir 1,5 m de altura (PORTE; GODOY, 2001; HEINRICH et al., 2006). Além disso, esta planta é pertencente à família Lamiaceae, popularmente conhecida como alecrim, erva aromática, muito utilizada na medicina popular e na culinária (CAMARGO; HERRERO, 2016).

De acordo com Rocha et al. (2016), o alecrim possui alguns compostos químicos sendo eles ácido clorogênico, ácido caféico, ácido rosmarínico, rutina, quercetina, canferol, apigenina e ácido carnósico. Além disso, o óleo essencial de Rosmarinus officinalis L. é constituído basicamente por hidrocarbonetos monoterpênicos, ésteres, terpenóides, flavonóides, fenóis, cânfora e â-cariofileno (ALVES et al., 2008; KOMPELLY et al., 2019).

O plantio correto desta espécie é muito importante para que não haja interferência nas suas características, e, deste modo, a pessoa que o fizer, deverá ter conhecimento acerca da planta a ser cultivada e, do seu modo de vida, para que a mesma possa se desenvolver corretamente (SOUZA, 2011).

No que se refere às principais formas de preparo para uso do alecrim destacam-se infusão, decocção e maceração. A infusão consiste em adicionar água fervente sobre as partes utilizadas da planta e em seguida fechar ou abafar o recipiente por tempo determinado. Já a decocção é um processo que consiste em ferver partes do vegetal juntamente com água potável, sendo adequado para partes da planta que são mais consistentes como cascas, raízes e caules. E, por fim, a maceração, que consiste em deixar a planta em contato com a água, em temperatura ambiente, por sete dias consecutivos (ANVISA, 2011). Neste sentido as partes do alecrim que merecem destaque são as folhas e flores, por meio de infusão (ALMEIDA, 2011).

Assim, o uso do chá de alecrim tem se difundido popularmente, visto que a ele são atribuídas as seguintes propriedades: ação tônica, antisséptica, cicatrizante, estimulante do Sistema Nervoso Central (SNC) e do fluxo menstrual, ação antimicrobiana e anti-inflamatória; além de ser útil como neuroprotetor, no controle da depressão e melhora da memória dentre outras aplicações (ALMEIDA, 2011; BADKE et al., 2011; COSTA, 2012; DALMARCO, 2012).

Dessa forma, aliado ao fato de que no município de Capitão Leônidas Marques-PR, o Rosmarinus officinalis L. apresenta ampla disseminação e que o resgate do conhecimento do uso popular de plantas medicinais merece notável relevância, justifica-se o presente estudo, uma vez que estudos de cunho etnofarmalocológico acerca do alecrim na região oeste do estado do Paraná ainda são bastante limitados.

Portanto, esta pesquisa busca investigar a etnofarmacologia do alecrim (Rosmarinus officinalis L.) por parte de mulheres do Município de Capitão Leônidas Marques-PR, com intuito de motivar mais estudos sobre a farmacodinâmica da planta, através de novas aplicações terapêuticas.

**Material e Métodos**

A pesquisa foi realizada no Município de Capitão Leônidas Marques, localizado na região oeste do estado do Paraná/Brasil, que possui 275,748 km², 14.970 habitantes e clima subtropical (IBGE, 2010). O estudo envolveu um delineamento do tipo qualitativo e quantitativo. Os dados foram coletados no período de julho a setembro de 2018, na forma de entrevistas, utilizando um questionário semiestruturado, composto por 12 perguntas relacionadas ao uso do alecrim, conforme Badanai, Silva e Cardoso (2012), com modificações realizadas pelo autor.

 A amostra foi composta por 90 mulheres com idade superior a 40 anos, residentes no centro da cidade (Bairros Centro e Santa Felicidade), nos bairros próximos ao centro (Primavera e Santa Mônica) e nos bairros da periferia (Portal do Paraná e Santa Rita). As entrevistas foram realizadas aleatoriamente, em visitas domiciliares realizadas nos sábados, nos períodos matutino e vespertino.

Os questionários foram aplicados pelo próprio entrevistador, sendo que cada entrevista teve a duração, em média, de 10 minutos. Após o término das entrevistas, os dados foram tabulados e analisados de forma comparativa entre o conhecimento científico e o uso popular do alecrim. Além disso, foi possível investigar o conhecimento etnofarmacológico em relação ao perfil socioeconômico das participantes.

Para a análise estatística dos dados foi utilizado o programa IBM SPSS Statistics, versão 25 (IBM Corp. Lançado em 2017. IBM SPSS Statistics for Windows, Versão 25.0. Armonk, NY: IBM Corp.). Foi utilizada a estatística descritiva, onde os resultados foram expressos em média e valores percentuais de frequência.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal da Fronteira Sul e deferido em junho de 2018, sob CAAE nº 88474618.6.0000.5564.

 **Resultados e Discussões**

 Neste estudo foram entrevistadas 90 mulheres, com idade média de 55 ± 11 anos. A utilização da planta medicinal Rosmarinus officinalis L. para fins terapêuticos foi constatada em 44 participantes (48,9%), enquanto 46 não utilizavam para finalidade medicinal (51,1%), porém algumas faziam uso do mesmo como tempero e/ou adjunto para o chimarrão (5,1%). Dentre as mulheres que utilizavam o alecrim para fins terapêuticos, verificou-se maior frequência de uso na faixa etária de 50 a 59 anos (37,8%) e 40 a 49 anos (33,2%), apresentando uma redução na utilização após os 60 anos (28,6%). Houve uma menor participação de mulheres com idade acima de 60 anos, visto que durante as visitas realizadas em domicílios de mulheres idosas, muitas não aceitaram participar da pesquisa, alegando serem muito “velhas” e “não terem conhecimento a respeito”. Desta maneira, as mulheres de menor faixa etária demonstraram maior interesse em participar e partilhar de seus conhecimentos.

Amorozo (2002) em seu estudo de levantamento etnobotânico das plantas com usos terapêuticos, realizado no município de Santo Antônio do Leverger, MT, verificou que todos os entrevistados, com exceção de dois, possuíam idade superior a 50 anos de idade e, na pesquisa de Alves et al. (2018), todos os participantes também eram mulheres e 40% destas possuíam idade entre 40 e 50 anos. Já Pilla, Amorozo e Furlan (2006) no município de Mogi-Mirim, no interior de São Paulo, registraram que 60% dos participantes que utilizavam plantas medicinais na região do estudo, estavam entre a faixa etária de 40 anos de idade, sendo que 88% desta porcentagem eram mulheres.

Em relação a utilização do alecrim por mulheres de diferentes bairros (Figura I), observou-se que os bairros Primavera (12,2%) e Centro (11,1%) apresentaram maior uso do que os demais bairros; enquanto a utilização nos bairros Santa Felicidade e Portal do Paraná foi menos expressiva, 5,6% em ambos. Já nos bairros Santa Rita e Santa Mônica também houve um predomínio da utilização, porém em menor grau, 8,9% e 10%, respectivamente. Mas, de modo geral, a utilização do alecrim foi verificada em todos os bairros do centro e periferia. Diante disso, podemos inferir que a grande parte destas participantes, independentemente da localidade (centro, bairro, periferia) ainda conservam os conhecimentos empíricos e continuam aplicando-os no dia a dia com o objetivo de cura de diferentes enfermidades.

Figura I: Percentual de utilização da *Rosmarinus officinalis* L. para fins terapêuticos, de acordo com o bairro de residência das participantes no município de Capitão Leônidas Marques-PR-BR (n=90).

Pelos dados apresentados, podemos observar que a utilização do alecrim é semelhante nos diversos bairros do centro e da periferia. Diante disso, podemos inferir que a maior parte destas participantes ainda conservam os conhecimentos empíricos e continuam aplicando-os no dia a dia com o objetivo de cura de diferentes enfermidades.

A Figura II demonstra a relação entre o emprego do alecrim e a escolaridade das mulheres entrevistadas (n=90). Ao analisar as participantes que faziam o uso do alecrim (n=44), observou-se que a maior parte delas, 24 mulheres (55%), não eram alfabetizadas ou possuíam apenas o ensino fundamental incompleto e que somente 8 participantes (18%) haviam completado o ensino médio completo ou ensino superior.

**Figura II**: Percentual de utilização da *Rosmarinus officinalis* L. para fins terapêuticos, de acordo com a escolaridade das participantes do estudo (n=90).

No tópico referente a ocupação das participantes (n=90), entre as entrevistadas que faziam o uso do alecrim (n=44) observou-se que 16,7% relataram ocupação do lar (n=15), 15,6% eram aposentadas (n=14), 4,4% são empregadas domésticas (n=04), e 12,2% desempenhavam outras funções (n=11), conforme pode ser observado na figura III.

**Figura III**: Percentual de utilização da *Rosmarinus officinalis* L. para fins terapêuticos, de acordo com a ocupação das participantes do estudo (n=90).

Muitas participantes relataram que tinham que trabalhar quando crianças, impossibilitando a conclusão de seus estudos. Desta forma, elas justificaram a ocupação do lar, diante do fato da dificuldade da inclusão de pessoas com baixa escolaridade no mercado de trabalho. Sendo assim, tais mulheres permanecem em casa, realizando afazeres domésticos. De forma a corroborar, um estudo desenvolvido por Almeida et al. (2015) demonstrou que muitas mulheres não concluíram seus estudos e que, em virtude disso, há uma diminuição dessas no mercado de trabalho formal, tornando-se evidente que a mulher não escolarizada é a incumbida pelos afazeres do lar, ficando a sua disposição, inclusive, o cultivo de plantas medicinais. Do mesmo modo, um estudo realizado por Viu et al. (2010), referente a utilização de fitoterápicos no Sudoeste Goiano, identificou que os participantes que mais utilizavam as plantas medicinais eram os que apresentavam menor grau de escolaridade. Assim, tomados em conjunto os dados obtidos na referida pesquisa e em outros estudos, justifica-se a maior utilização da planta *Rosmarinus officinalis* L. para fins terapêuticos por mulheres com níveis menores de escolaridade e por aquelas com ocupação do lar e aposentadas.

Com relação à utilização do alecrim e a renda familiar, destaca-se que 94,5% das participantes (n=90) declararam possuir renda até 3 salários mínimos. Na figura IV é possível observar que o uso foi maior entre as participantes com renda entre 2 a 3 salários mínimos, totalizando, 26,27% (n=24), seguido das que possuem renda de até 1 salário mínimo, 21,1 % (n=20), já entre as participantes com renda superior a 3 salários mínimos, o uso foi menor. Desse modo, os resultados obtidos demonstram que as participantes com um poder aquisitivo maior, tem pretensão em não fazer o uso do alecrim como medicinal. Resultados similares foram encontrados no município de Itaqui/RS, onde a maior parte dos participantes que utilizam fitoterápicos, possuem uma renda expressivamente baixa (ETHUR et al., 2010).

Diante das evidências apresentadas nos estudos descritos em que a maioria das participantes que utilizam a planta estão presentes nas comunidades com baixa renda, podendo ter relação com o valor elevado de alguns medicamentos sintéticos, fato este que conduz tais comunidades a apelarem primeiramente para as plantas medicinais. Esse fato também pode ocorrer, pelo baixo custo e praticidade das plantas medicinais, o que acaba se tornando mais viável, corroborando para sua ampla utilização.

**Figura IV**: Percentual de utilização da *Rosmarinus officinalis* L. para fins terapêuticos, de acordo com a renda familiar das participantes do estudo (n=90).

Quanto à parte da planta mais utilizada, ficou evidente, com 56 citações, que as folhas são mais indicadas (62,2 %), mas há ainda os que preferem fazer uso dos galhos (7 citações - 7,7%). Os autores Al-Sereiti et al. (1999), descrevem que nas folhas de alecrim são encontrados compostos bioativos, que possuem funções como antioxidante, antitumoral e anti-inflamatório. Além disso, as folhas também são usadas por apresentarem ação carminativa, gástrica e antiespasmódica (PORTE; GODOY, 2001).

Neste sentido, os benefícios atribuídos aos compostos que estão presentes nas folhas, justificam a preferência das entrevistadas por essa parte da planta na preparação de chás para tratamento de enfermidades. No que se refere a utilização de galhos da planta, não há referências científicas que justifiquem tal escolha, mas supõem que seja pela praticidade em não esperar a planta secar ou destacar folha por folha.

Quanto às formas de preparo do chá, verificou-se que 39 mulheres utilizam o método de infusão (88,6%), bem como 5 mulheres optam pelo método de decocção (11,4%). Nos estudos de Cortez et al. (1999), verificou-se que o método preferível de fazer uso do alecrim por parte dos participantes, acontecia por meio de infusão, com aproximadamente 45 citações (75%) dentre 60 que relataram utilizar a planta; dados que ratificam os achados aqui descritos.

Conforme relatos das participantes deste estudo, elas demonstraram conhecimento empírico a respeito da utilização do alecrim, por meio de infusão. E, muitas delas informaram terem aprendido este método com a pastoral da criança, portanto, justificando por meio desta informação que o uso estaria correto. Em relação as que utilizam por meio de decocção, entende-se que nesses casos, há falta de acesso à informação, pois se tratando de folhas, parte mais delicada da planta, o correto é ser feito o chá através de infusão (ANVISA, 2011).

No que se refere ao cultivo da planta, 28 mulheres (63,63%) das que faziam uso, relataram que possuíam produção própria, cultivando nas próprias residências, sendo que destas, 26 em quintais (92,86%) e 2 em canteiros (7,14%). As demais entrevistadas, não realizavam o cultivo (36,36%) e adquiriam a planta através de compra em supermercados e/ou farmácias ou por meio da doação pelos vizinhos.

Estes resultados são consonantes com os dados observados por Brasileiro et al. (2008), que constataram que 55,47% dos participantes, obtém as plantas através de plantações próprias, pela praticidade. Mas inferem ainda que, além da praticidade, o real objetivo do cultivo pode se dar pelos benefícios que o vegetal pode propiciar, isso também ocorre, pois, a maior parte das mulheres que utilizam são cuidadoras do lar, permanecendo em casa na maior parte do tempo. Desta maneira, elas possuem maior disponibilidade para cultivar o alecrim e outras plantas.

A pesquisa também evidenciou, que, os conhecimentos em relação a planta advêm em maior parte da família, ou seja, transmitidos de geração para geração (66,7%). Da mesma forma, em um estudo realizado por Giraldi e Hanazaki (2010), também foi constatado que a maioria dos entrevistados (54%) adquiriram seus conhecimentos a respeito das plantas por meio de conversas com seus familiares.

Salienta-se então, que a maioria das entrevistadas apresentaram conhecimentos tradicionais da planta estudada, utilizando-a para fins medicinais diversos. Deste modo, observa-se que esse fator pode estar relacionado com a faixa etária das mulheres e o baixo grau de escolaridade, visto que a maior parte conserva conhecimentos repassados pela tradição familiar de cada uma. Desta forma, destaca-se a importância do resgate cultural, mas sem descartar a necessidade de validação de tais conhecimentos etnofarmacológicos.

No que diz respeito às utilizações terapêuticas do alecrim, conforme a Tabela I, foram registrados os seguintes dados: calmante, analgésico, antigripal, anti-hipertensivo, cicatrizante, digestivo e ainda houve outras citações menos expressivas, como por exemplo, quanto ao efeito benéfico para ancilostomose, conhecido popularmente como amarelão, e labirintite.

**Tabela I**: Utilizações terapêuticas do *Rosmarinus officinalis* L. citadas pelas entrevistadas, residentes no município de Capitão Leônidas Marques-PR-BR.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Utilização terapêutica** | **Citações** | **Percentual (%)** |
| Calmante | 12 | 28,6 |
| Analgésico | 6 | 14,3 |
| Antigripal | 4 | 9,5 |
| Anti-hipertensivo | 4 | 9,5 |
| Cicatrizante | 3 | 7,1 |
| Digestivo | 3 | 7,1 |
| Outros | 10 | 23,8 |
| Total | 69 | 100,0 |

Das indicações terapêuticas citadas neste estudo, a utilização da espécie como calmante prevaleceu, contudo, não houve registros na literatura de trabalhos científicos para tal finalidade, utilizando infusão a partir das folhas de alecrim. Entretanto, Sacco et al. (2015) descrevem que o óleo essencial do alecrim, proporciona efeito estimulante aumentando o apetite, melhorando o humor e o diminuindo o desânimo. Os autores destacam ainda que, o óleo essencial possui compostos eficientes, que atuam de diversas formas no organismo, agindo no sistema límbico, encarregado pelos sentimentos, impulsos e pelas emoções, o que pode explicar a relação do uso como calmante.

Outra citação da utilização do alecrim foi referente à cicatrização, que corrobora com a literatura que infere sobre a possibilidade de as folhas serem utilizadas por meio de infusão, seguido da aplicação no local afetado. Destaca-se ainda, que pessoas acometidas por doenças prostáticas, gastroenterites, dermatoses em geral ou que possuam histórico de convulsão não devem fazer o uso, visto que, se usado em grande quantidade pode ocasionar efeitos adversos, como irritação renal e gastrointestinal (BUENO et al., 2016).

Além disso, Souza et al. (2016), em seu estudo fizeram aplicações de uma pomada com adição do óleo essencial de alecrim, em uma ferida no pé de um paciente diabético, e verificaram que a cicatrização ocorreu de forma mais rápida. Isto demonstra que a planta realmente possui compostos que potencializam a cicatrização de feridas, conforme as mulheres da comunidade estudada relataram.

Quanto ao interesse das mulheres pelo efeito anti-hipertensivo do alecrim, a literatura está em acordo, visto que, Haloui et al. (2000), a fim de avaliar o efeito diurético proporcionado pelo *Rosmarinus officinalis* L., utilizaram extrato aquoso do alecrim, em ratos, e evidenciaram um aumento na diurese deles. Corroborando também com este resultado, Martín et al. (2004) verificaram o mesmo resultado utilizando extrato hidroalcoólico da planta.

Em relação à utilização do alecrim para auxiliar na digestão, no estudo, publicado por Ercane El (2018), realizado com modelos in vitro que simularam a digestão gástrica e intestinal, houve inibição das enzimas α-glicosidase e α-amilase, que auxiliam na digestão de carboidratos. Outro estudo realizado com ratos wistar, por Amaral et al. (2018), sugere que o extrato etanólico de *Rosmarinus officinalis* L. apresenta um efeito protetor frente a lesões intestinais induzidas por etanol, cujo efeito ocorre em virtude de mecanismos antioxidantes e anti-inflamatórios.

Na literatura científica, não foram encontradas indicações que comprovem o uso da espécie em questão, para a doença ancilostomose, popularmente conhecida como “amarelão”. Ela trata-se de uma infecção causada por um nematódeo, que afeta uma parte significativa da população que não tem acesso ao saneamento básico (MENEZES et al., 2017).

Porém, em um estudo, foi observada a ação ovicida e larvicida in vitro do óleo essencial de alecrim sobre nematódeos gastrintestinais de ovinos (PINTO, 2017). Já nos estudos de Oka et al. (2000), com ovos de *Meloidogyne javanica*, coletados de raízes de tomates, também foi observado o efeito nematicida do óleo essencial de folhas do *Rosmarinus officinalis* L.

Quanto ao uso do alecrim para diminuir os sintomas de labirintite, que se trata de uma inflamação no labirinto (PAÇO et al., 2010), não foi encontrado nenhum dado que descrevesse algum efeito neste sentido. Todavia, Faria (2005) em seu estudo, concluiu que o alecrim apresenta atividade anti-inflamatória e analgésica, podendo-se inferir que tais propriedades estariam auxiliando nesta doença.

Já quanto o uso do alecrim para dores em geral, o estudo de Rahbardar et al. (2018) demonstrou resultados promissores do ácido rosmarínico para o tratamento de dor neuropática em ratos. Em outro estudo realizado por Trujano et al. (2006), no qual foi utilizado o extrato etanólico das folhas do *Rosmarinus officinalis* L., com a finalidade de comparar o efeito analgésico com o fármaco tramadol, através da artrite induzida em ratos, os resultados confirmaram o efeito analgésico do alecrim, reforçando seu uso na medicina tradicional. Em relação a estudos com seres humanos, não foram encontrados estudos que objetivaram avaliar o uso de alecrim exclusivo no tratamento de dores.

Por fim, quanto ao uso do alecrim para tratar sintomas de gripe, não há estudos relacionados especificamente a essa doença viral. No entanto, existem estudos farmacológicos que registram o poder anti-inflamatório do *Rosmarinus officinalis* L., utilizando modelos experimentais. Os estudos apontam que tal efeito terapêutico advém de compostos terpênicos como o ácido carnósico/carnosol, ácido ursólico, oleanólico e o micromérico presentes na planta (FARIA, 2005; ANDRADE et al., 2018; MACEDO, 2020).

Em relação a forma de utilização do vegetal para tratamento de enfermidades, a maioria das entrevistadas utilizam o alecrim sem nenhum conhecimento científico, se tornando uma preocupação em relação aos efeitos colaterais que a planta pode ocasionar a saúde dessas pessoas. Muitas ainda “alimentam” a falsa crença de que “tudo que é natural não faz mal”, acarretando aumento das chances de ocorrer intoxicação, entre outros malefícios à saúde do indivíduo que ingere o chá incorretamente ou em doses muito altas.

Questionou-se, ainda, sobre os conhecimentos das participantes em relação aos efeitos adversos do alecrim, onde, 64 das entrevistadas relataram não possuir nenhum conhecimento (72,2%), 12 (13,3%) citaram que o chá da planta pode acelerar o coração, ou seja, promover taquicardia e houve ainda 13 (14,4%) que relataram efeitos menores.

Neste sentido, Marchiori (2004) relata que, o grau de toxicidade do alecrim está diretamente ligado com a quantidade ingerida, podendo causar desde alergias em doses menores, até distúrbios mais graves, como irritação renal e gastrointestinal, principalmente se a ingestão for através de via oral. Além disso, também houve relatos que o alecrim possui compostos que podem ser abortivos, sendo contraindicado durante a gestação e amamentação (TOMAZONI et al., 2008).

**Considerações finais**

Por meio deste estudo foi possível observar parte bem considerável das entrevistadas fazem o uso ou apresentam conhecimentos tradicionais acerca do uso do Alecrim como planta medicinal. Destaca-se que o resgate dos conhecimentos terapêuticos locais referentes às plantas medicinais é fundamental para manter o histórico cultural disseminado a gerações. Além disso, pode fornecer contribuições relevantes para a comunidade, mas sem descartar a necessidade de validação de tais conhecimentos etnofarmacológicos.

Os conhecimentos herdados e mantidos pelas entrevistadas são muito vastos, embora, há citações de usos terapêuticos para a planta *Rosmarinus officinalis* L., que ainda não constam na literatura científica. Assim, faz-se necessária maiores investigações científicas na área da farmacologia, a fim de obter informações com objetivo de gerar padronização quanto formas de preparo, conservação do produto, entre outros aspectos relevantes, de modo a possibilitar uma maior compreensão em relação a utilização correta da planta, o que pode diminuir potencialmente intoxicações pelo uso inadequado gerado pela falta de informações. Por fim, o conhecimento empírico demonstrado pelas participantes e descrito neste trabalho abre caminhos para o desenvolvimento de novos estudos visando a confirmar cientificamente as propriedades terapêuticas relatadas, como seu uso enquanto calmante; para redução de sintomas de labirintite e; sintomas gripais.

**Referências**

AGUIAR, L. C. G. G.; BARROS, R. F. M. Plantas medicinais cultivadas em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 14, n. 3, p. 419-434, 2012.

ALMEIDA, M. Z. Almanaque. In: **Plantas Medicinais** [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 146-208. ISBN 978-85-232-1216-2. SciELO Books. Disponível em: http://books.scielo.org.

ALMEIDA, A.V., et al. A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. **Textos & Contextos**, v. 14, n. 1, p.115-131, jun. 2015.

AL-SEREITI, M. R., et al. Pharmacology of rosemary (*Rosmarinus officinalis Linn*.) and its therapeutic potentials. **Indian Journal of Experimental Biology**, v. 37, n. 2, p. 124–130, 1999.

ALVES, J. P., et al. Diagnóstico do uso de plantas medicinais no Povoado Vila 16 no município de Augustinópolis–TO. **Encontro Regional de Agroecologia do Nordeste**, v. 1, n. 1, 2018.

ALVES, P. M., et al. **Atividade antimicrobiana e antiaderente in vitro do extrato de *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim) sobre microrganismos cariogênicos.** Arquivos em Odontologia, v. 44, n. 02, p. 53-58, 2008.

ALVIM, N.A.T., et al. O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. **Revista Latino-Americana de Enfermagem,** v. 14, n. 3, 2006.

AMARAL, G. P., et al. Multiple mechanistic action of *Rosmarinus officinalis* L. extract against ethanol effects in an acute model of intestinal damage. **Biomedicine & Pharmacotherapy**, v. 98, p. 454-459, fev. 2018.

AMOROZO, M. C. M. Use and diversity of medicinal plants in Santo Antonio do Leverger, MT, Brazil. **Acta botanica brasílica**, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.

ANDRADE, J. M., et al. *Rosmarinus officinalis L*.: an update review of its phytochemistry and biological activity. **Future science OA**, v. 4, n. 4, 2018.

ARNOUS, A. H., et al. Plantas medicinais de uso caseiro-conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. **Revista espaço para a Saúde**, v. 6, n. 2, p. 1-6, 2005.

BADANAI, J. M. et al. **Utilização de plantas medicinais, fitoterápicos e dos potenciais riscos de suas interações com medicamentos alopáticos, por idosos atendidos pela Farmácia – Escola – São Caetano Do Sul.** 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/spmb2012/Trabalhos/3430_1338386655_RESUMOFINALSIMPOSIOBENTOGONCALVESJAQUELINE2012.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

 BADKE, M. R., et al. Plantas medicinais: o saber sustentado na prática do cotidiano popular. **Escola Anna Nery.** v. 15, n. 1, p. 132-139, jan./mar. 2011.

BADKE, M. R, et al. Significados da utilização de plantas medicinais nas práticas de auto atenção à saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 53, 2019.

BALBINOT, S.; VELASQUEZ, P. G.; DÜSMAN, E. Reconhecimento e uso de plantas medicinais pelos idosos do Município de Marmeleiro - Paraná. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 15, n. 4, 2013.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira.** ANVISA, Brasília, 1 ed., 2011.

BUENO M. J. A. et al. Manual de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. In: **Fitoterapia em feridas**. p. 58-72, 2016.

CAMARGO, A. P. S.; HERRERO, M. Rosemary (*Rosmarinus officinalis*) as a functional ingredient: recent scientific evidence. **Current Opinion in Food Science**, v. 14, p. 13-19, 2016.

CEOLIN, T., et al. Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 1, p. 47-54, 2011.

CORTEZ, L. E. R., et al. **Levantamento das Plantas Medicinais utilizadas na medicina popular de Umuarama, PR.** 1999. Disponível em: https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/938. Acesso em: 10 out. 2018.

COSTA, E. A. **Nutrição e fitoterapia: tratamento alternativo através das plantas.** 2. ed., Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2012.

DALMARCO, J. B. **Estudos das propriedades químicas e biológicas de *Rosmarinus officinalis* L**. 2012. [Dissertação]. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ERCAN, P.; EL, S. N. Bioaccessibility and inhibitory effects on digestive enzymes of carnosic acid in sage and rosemary. **International Journal of Biological Macromolecules**, v. 115, p. 933-939, ago. 2018.

ETHUR, L. Z. et al. Comércio formal e perfil de consumidores de plantas medicinais e fitoterápicos no município de Itaqui – RS. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 13, n. 2, p.121-128, 2011.

FARIA, L. R. D. **Validação farmacológica do óleo essencial de *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim): atividades anti-inflamatória e analgésica**. 2005. 66 f. Dissertação (Mestrado) – Ciências Animais, UNIFENAS, 2005.

FERRO, F. C. et al. **Baixo nível de escolaridade x pobreza x emprego Doméstico: No Brasil, a correlação entre estes dois fatores é direta? Uma análise estatística.** 2013. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/nupem/anais_viii_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CSA/ECONOMICAS/03-fferrotrabalhocompleto.pdf>. Acesso em: 28 out. 2018.

FRANÇA, I. S. X. et al. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista Brasileira de Enfermagem,** v. 61, n. 2, p. 201-208, 2008.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 24, n. 2, p. 395-406, 2010.

HALOUI, M. et al. Experimental diuretic effects of *Rosmarinus officinalis* and *Centaurium erythraea*. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 71, 2000.

IBGE. Censo 2010. **Panorama Capitão Leônidas Marques**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/capitao-leonidas-marques/panorama>. Acesso em: 04 dez. 2017.

HEINRICH, M. et al. Ethnobotany and ethnopharmacology—Interdisciplinary links with the historical sciences. **Journal of ethnopharmacology**, v. 107, n. 2, p. 157-160, 2006.

KOMPELLY, A. et al. *Rosmarinus officinalis L*.: an update review of its phytochemistry and biological activity. **Journal of Drug Delivery and Therapeutics**, v. 9, n. 1, p. 323-330, 2019.

LIU, T. et al. Application of ionic liquids based microwave-assisted simultaneous extraction of carnosic acid, rosmarinic acid and essential oil from *Rosmarinus officinalis*. **Journal of Chromatography**, v. 1218, p. 8480-8489, 2011.

MACEDO, L. M. et al. Rosemary (*Rosmarinus officinalis* L*., syn Salvia rosmarinus* Spenn.) and Its Topical Applications: A Review. **Plants**, v. 9, n. 5, p. 651, 2020.

MARCHIORI, V. F. ***Rosmarinus officinalis*.** Monografia de Conclusão do Curso On line Fitomedicina, Fundação Herbarium, Associação Argentina de Fitomedicina, 2004.

MARTÍN, S. M. M et al. Actividad diurética y antipirética de un extracto fluido de *Rosmarinus officinalis* L. en ratas. **Revista Cubana Plantas Medicinales**, v. 9, n. 1, 2004.

MARTINS, M. C.; GARLET, T. M. B. Desenvolvendo e divulgando o conhecimento sobre plantas medicinais. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v. 20, n. 1, p. 438-448, 2016.

MENEZES, S. A. et al. Ancilostomíase: aspectos clínicos, diagnóstico e medidas preventivas. **Mostra Científica em Biomedicina**, v. 2, n. 1, 2017.

NASCIMENTO, G. G. F. et al. Antibacterial activity of plant extracts and phytochemical on antibiotic-resistant bacteria. **Brazilian Journal of Microbiology,** São Paulo, v. 31, n. 4, p. 247-256, 2000.

OKA, Y. et al. Nematicidal activity of essential oils and their components against the root-knot nematode. **Phytopathology**, v. 90, n. 7, p. 710-715, 2000.

OLIVEIRA, L. S. et al. Plantas Medicinais como Recurso Terapêutico em Comunidade do Entorno da Reserva Biológica do Tinguá, RJ, Brasil – Metabólitos Secundários e Aspectos Farmacológicos. **Revista Científica Internacional**, v. 4, n. 17, p. 54-74, 2011.

PACKER, J. F.; LUZ, M. M. S. Método para avaliação e pesquisa da atividade antimicrobiana de produtos de origem natural. **Revista Brasileira de Farmacognosia,** v.17, p.102-107, 2007.

PAÇO, J. et al. Tímpanos Patológicos. In: **Otites na Prática Clínica**. p. 59-137, 2010.

PILLA, M. A. C. et al. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 4, p. 789-802, 2006.

PINTO, N. B. **Controle integrado de nematódeos de ruminantes com a utilização de bactérias e fitoterápicos.** 2017. 68 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós graduação em Veterinária, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

PORTE, A.; GODOY, R. L. O. **Alecrim (*Rosmarinus Officinalis* L.):** Propriedades Antimicrobiana e Química do Óleo Essencial. Boletim do Centro de Pesquisa de Processamento de Alimentos, Curitiba, v. 19, n. 2, p. 193-210, 2001.

RAHBARDAR, M. G. et al. Rosmarinic acid attenuates development and existing pain in a rat model of neuropathic pain: An evidence of anti-oxidative and anti-inflammatory effects. **Phytomedicine**, v. 40, p. 59-67, fev. 2018.

ROCHA, M. B. et al. Quantificação De Compostos Do Extrato Aquoso Do Alecrim (*Rosmarinus Officinalis* L.). **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão** - Universidade Federal do Pampa, Uruguaiana, RS, v. 8, n. 2, 2016.

SACCO, P. R. et al. Aromaterapia no auxílio do combate ao estresse: bem-estar e qualidade de vida. **Revista Científica da FHO UNIARARAS**, v. 3, n. 1, p. 54-62, jan. 2015.

SAYORWAN, W. Effects of Inhaled Rosemary Oil on Subjective Feelings and Activities of the Nervous System. **Scientia Pharmaceutica**, v. 81, n. 2, p. 531-542, 2013.

SILVA, T. R.; OLIVEIRA, F. Q. **Levantamento de Plantas Medicinais utilizadas em Domicílios do Bairro Maracanã, Prudente de Morais/MG**. 2017. Disponível em: docplayer.com.br/70981040-Faculdade-ciencias-da-vida-fcv-levantamento-de-plantas-medicinais-utilizadas-em-domicilios-do-bairro-maracana-prudente-de-morais-mg.html. Acesso em: 13 out. 2018.

SOUZA, F. G. P. et al. **Avaliação da atividade cicatrizante do alecrim em lesões de portadores de diabetes mellitus (DMID).** Curso de Veterinária, Três Corações, MG, 2016.

SOUZA, G. S. **Propagação de Plantas.** Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas, Cruz das Almas, Bahia, 2011.

SZERWIESKI, L. L. D. et al. Uso de plantas medicinais por idosos da atenção primária. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 19, p. 1-11, 2017.

TOMAZZONI, M. I. et al. Fitoterapia popular: A busca instrumental enquanto prática terapêutica. **In: 11º Congresso de Iniciação Científica – 5ª mostra de pesquisa de Pós-graduação**. São Paulo. 2008.

TRUJANO, et al. Detección y comparación del efecto antinociceptivo de *Rosmarinus officinalis* L. (romero) en el modelo PIFIR. **Revista Mexicana de Anestesiología,** v. 29. n. 2, 2006.

TUROLLA, M. S. R.; NASCIMENTO, E. S. Informações toxicológicas de alguns fitoterápicos utilizados no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 42, n. 2, 2006.

VEIGA JÚNIOR, V. F. et al. Plantas medicinais: cura segura? **Química Nova**, v. 28, n. 3, p. 519, 2005.

VIU, A. F. M. et al. Etnobotânica: uma questão de gênero? **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 5, n. 1, 2010.

1. Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza-PR. E-mail: camidadeamaral@yahoo.com.br. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestranda em Saúde, Bem-Estar e Produção Animal Sustentável. Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza-PR. E-mail: muniquegarda@gmail.com. [↑](#footnote-ref-2)
3. Mestranda em Saúde, Bem-Estar e Produção Animal Sustentável. Universidade Federal da Fronteira Sul-

Campus Realeza-PR. E-mail: jaquelinebiazanella@gmail.com. [↑](#footnote-ref-3)
4. Mestranda em Ciências Aplicadas à Saúde. Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco

Beltrão-PR. E-mail: ka\_baldo@hotmail.com. [↑](#footnote-ref-4)
5. Doutora em Ciências. Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza-PR. E-mail: fernanda.lima@uffs.edu.br [↑](#footnote-ref-5)
6. Doutora em Farmacologia. Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza-PR. E-mail: dalilabenvegnu@yahoo.com.br [↑](#footnote-ref-6)